

## A CONCEPÇÃO DE FENOMENOLOGIA PARA EDITH STEIN

### *THE CONCEPTION OF PHENOMENOLOGY FOR EDITH STEIN*

Tommy Akira Goto<sup>1</sup>

Mak Alisson Borges de Moraes<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a concepção de Fenomenologia da filósofa e educadora Edith Stein (1891-1942). Para o desenvolvimento desse estudo foram utilizados textos de conferências, onde Stein apresentou a concepção de Fenomenologia. Os textos são: *O que é a Fenomenologia? (Was ist Phanomenologie?)* (1924); *O significado da Fenomenologia para a visão de mundo (Die Weltanschauliche Bedeutung der Phänemenologie)* (1932); e *A fenomenologia (Der Phänomenologie)* (1932). Também buscou-se encontrar os pontos convergentes e divergentes presentes nesses textos para elucidar a concepção de Fenomenologia de Stein. Conclui-se que Edith Stein tinha uma concepção originária do que é a Fenomenologia, mesmo numa época em que essa estava seguindo diversos caminhos pelas críticas a Husserl. Stein não segue nenhum desses outros rumos tomados pela Fenomenologia, mas concebe, como Husserl, uma visão original dessa importante corrente do pensamento contemporâneo.

Palavras-chave: Fenomenologia. Filosofia Contemporânea. Método Fenomenológico. Edith Stein.

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia pela PUC-Campinas. Professor Adjunto III de Psicologia da pós-graduação e da graduação da UFU. *E-mail*: tommy@ufu.br

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UNB. Professor substituto de Psicologia da UFTM. *E-mail*: makalisson@hotmail.com

## ABSTRACT

This article aims to present the conception of Phenomenology to the philosopher Edith Stein (1891-1942). For the development of the study were used the texts of conferences, where Stein presented the conception of Phenomenology. The texts are: “what is Phenomenology?” (*Was ist Phänomenologie?*, 1924); “The meaning of Phenomenology to the worldview” (*Die Weltanschauliche Bedeutung Der Phänomenologie*, 1932); “The Phenomenology” (*Der Phänomenologie*, 1932). Still, sought to find the convergent and divergent points present in these texts to elucidate the conception of Phenomenology to Stein. It is concluded that Edith Stein was an original conception of Phenomenology, even at a time when this was following several paths by criticism of Husserl. Stein does not follow any of these other directions taken by Phenomenology, but conceives, as Husserl, an original vision of this important chain of contemporary thought.

Keywords: Phenomenology. Contemporary Philosophy. Phenomenological Method. Edith Stein.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo apresentar a concepção de Fenomenologia elaborada e desenvolvida pela filósofa e fenomenóloga Edith Stein<sup>3</sup> (1891-1942) a partir da análise de alguns textos e conferências que a filósofa escreveu e proferiu em diferentes contextos a respeito da Fenomenologia. Além disso, esse breve estudo visa contribuir para uma melhor compreensão acerca da Fenomenologia de Edith Stein, esclarecendo algumas concepções errôneas atribuídas ao pensamento da filósofa, que ainda é pouco conhecida entre os pesquisadores brasileiros. Dessa forma, propõe-se também ampliar o entendimento em relação à Fenomenologia enquanto movimento filosófico, destacando a concepção desenvolvida por uma de suas principais representantes.

Edith Stein foi uma das alunas mais próximas a Husserl, principalmente no período em que estavam em Gotinga e Friburgo, onde foi orientada pelo filósofo em sua tese de doutorado intitulada *Sobre o problema da empatia (Zum Problem der Einfühlung)* (1917). Mais tarde, devido a sua capacidade intelectual e reconhecido entendimento de Fenomenologia, tornou-se assistente do filósofo, participando da discussão, elaboração e transcrição de importantes textos de Husserl, tais como: o tomo II da obra *Ideias para a fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica (Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie zweites Buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution)* (1952), publicado postumamente, e a análise fenomenológica acerca do tempo, apresentada em *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo (Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins)* (1928).

O contato com Husserl e seus manuscritos influenciaram de forma direta o pensamento filosófico de Edith Stein. É possível perceber claramente a presença marcante dos textos do mestre em suas principais obras, como no estudo acerca da Psicologia e das ciências do espírito – intitulado *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften* (1922)–, que declara explicitamente a influência do filósofo. No entanto, é importante destacar que Stein não assimilou passivamente as ideias de Husserl, visto que expôs também suas discordâncias em relação a seu mestre. Nesse sentido, como evidencia Bello (2000), Edith Stein desenvolveu uma concepção autônoma e original de Fenomenologia, pois não ficou restrita às noções de Husserl, delineando sua própria acepção do método fenomenológico.

---

<sup>3</sup> Edith Stein (1891-1942) iniciou sua vida acadêmica estudando, principalmente, alemão, história, grego, psicologia e filosofia. Devido ao interesse por filosofia, conheceu Edmund Husserl (1859-1938), fundador da Fenomenologia, e tornou-se sua discípula. A partir de então, aprofundou seus estudos na Fenomenologia, tornando-se uma das principais representantes da Filosofia Fenomenológica.

Sendo assim, para explicitar a concepção autônoma e original de Fenomenologia elaborada e desenvolvida por Edith Stein, consultamos alguns textos em que a filósofa discorre a respeito do conceito do método fenomenológico. A maioria dos textos são produtos de conferências, nas quais a filósofa buscou esclarecer e corrigir algumas compreensões errôneas a respeito da Fenomenologia. Esses textos são importantes e fornecem elementos apropriados para que se possa captar a compreensão de Fenomenologia apresentada por Edith Stein.

Portanto, aqui foram analisados os textos (conferências e manuscritos): *O que é a Fenomenologia?* (*Was ist Phanomenologie?*) (1924)<sup>4</sup>; *O significado da Fenomenologia como “visão de mundo”* (*Die Weltanschauliche Bedeutung Der Phänemenologie*) (1932)<sup>5</sup>; e *A Fenomenologia* (*Der Phänomenologie*) (1932)<sup>6</sup>. Nesses textos a filósofa aborda alguns aspectos do método fenomenológico, o que possibilita a apreensão de sua noção de Fenomenologia. Para complementar essa análise, foram incluídos ainda outros textos e conferências, estes menos específicos em relação à nossa proposta, mas igualmente enriquecedores para a compreensão da Fenomenologia segundo a visão da autora. São eles: *A crise das ciências europeias e a Fenomenologia Transcendental* (*Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*) (1937)<sup>7</sup>; *A Fenomenologia Transcendental de Husserl* (*Husserls Transzendente Phänomenologie*) (1932)<sup>8</sup>; *A Fenomenologia de Husserl e a Filosofia de Sto. Tomás de Aquino* (*Husserls Phänomenologie und die Philosophie des hl. Thomas Von Aquin*) (1929)<sup>9</sup>; e um subitem de um capítulo denominado *O método fenomenológico* (*Phänomenologische Methode*), da obra *A estrutura da Pessoa Humana* (*Der Aufbau der menschlichen Person*) (1932). Por fim, para contextualizar a análise dos textos citados e compreender de forma ampla e segura a concepção de Fenomenologia apresentada por Edith Stein, acrescentamos o breve percurso biográfico da filósofa, procurando mostrar como todo tema desenvolvido pela filósofa possui uma **biografia do tema**.

---

<sup>4</sup> Artigo publicado em um suplemento educativo de um Diário do Palatinado.

<sup>5</sup> Texto encontrado no processo de organização e catalogação dos manuscritos depois de alguns anos de sua morte.

<sup>6</sup> Texto de intervenções da participação de Stein nas *Jornadas de Estudos da Sociedade Tomista*, realizada em 12 de setembro de 1932.

<sup>7</sup> Texto encomendado à Stein pela *Revue Thomiste* como recensão da conferência de Husserl publicada na revista *Philosophia* (de Belgrado) em 1936.

<sup>8</sup> Artigo de recensão de obras de Husserl dos anos 1930 e 1931 que foi encontrado entre seus escritos, porém sem notícias de publicação.

<sup>9</sup> Artigo publicado no *Anuário de filosofia e investigação fenomenológica* em comemoração aos 70 anos de seu mestre Edmund Husserl.

## 1 O ENCONTRO DE EDITH STEIN COM A FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL

Nascida na cidade de Breslau, em 12 de outubro de 1891, Edith Stein sempre foi conhecida por sua inteligência e espírito inquietador. Como relata Dei (1969), Stein caracterizava-se por uma marcante vivacidade de espírito e curiosidade. Como relata em sua autobiografia, a sua vida foi dedicada à busca da verdade, sendo que essa busca perpassou tanto sua vida quanto sua obra.

A jovem Stein logo se interessou pelos estudos, entrando precocemente para a escola e se destacando sempre como uma das melhores alunas. Com o passar dos anos, as disciplinas que se tornaram as suas prediletas foram alemão, história e literatura. Todavia, Stein começou a se sentir insatisfeita com os conteúdos apresentados na escola. Desmotivada, resolveu abandonar os estudos e não seguir para a escola secundária (correspondente ao ensino superior). No entanto, após algum tempo de reflexão, decidiu retomar os estudos e entrar para a universidade. Assim, ingressou na Universidade de Breslau, onde se dedicou principalmente ao estudo de grego, alemão, história, psicologia e filosofia (STEIN, 2002b).

Nesse período em Breslau, Stein entrou em contato com a psicologia por meio das aulas de William Stern (1871-1938). A jovem estudante cursou quatro semestres dessa disciplina e, entusiasmada com essa nova ciência, passou a acreditar que ela poderia oferecer as respostas aos seus questionamentos. No entanto, acabou se decepcionando, constatando que essa era uma ciência ainda muito nova e que carecia de fundamentos seguros para a investigação de seus fenômenos (PEÑA, 2007). Conforme destacou Stein (2002b, p. 331), “todos meus estudos de psicologia me convenceram de que esta ciência estava ainda engatinhando. Que lhe faltava o necessário fundamento de ideias claras e que essa mesma ciência era incapaz de elaborar esses pressupostos”.

Assim, descontente com os estudos em Breslau, Stein manifestou o desejo de se mudar para um lugar que satisfizesse sua incansável busca pela verdade. Foi nesse período que conheceu a obra *Investigações Lógicas* (*Logische Untersuchungen*) (1900/01), de Edmund Husserl, filósofo que iria se tornar seu mestre e exercer grande influência sobre seu pensamento. Em um dos seminários, um amigo próximo, o Dr. Moskiewicz, lhe incentivou a ler o segundo tomo das *Investigações Lógicas* de Husserl: “Deixe você todas essas coisas e leia isto; os outros não fizeram outra coisa senão tomar tudo daqui.” E ainda completou: “Em Gotinga não se faz outra coisa

senão filosofar dia e noite, na hora das refeições e pelas ruas. Em toda parte só se fala de fenômenos.” (STEIN, 2002b, p. 327). Pode-se afirmar que Stein jamais se esqueceu da frase de seu amigo, e, portanto, resolveu logo ir à Gotinga.

A partir dessa leitura, Stein ficou totalmente envolvida com tudo o que ia descobrindo sobre a Fenomenologia. Parecia-lhe que tudo vinha ao encontro de suas inquietações. Em uma homenagem preparada por suas amigas, recebeu delas os seguintes versos:

Com beijos há moças que vivem a sonhar,  
Já Edith só em Husserl consegue pensar.  
Em Gotinga ela certamente irá ver  
Husserl em pessoa diante do seu ser  
(FELDMANN, 2001, p. 19).

Em Gotinga, Edith Stein se aprofundou no estudo da Fenomenologia. Durante essa fase, teve uma intensa vida acadêmica. Entrou para a sociedade filosófica, um grupo de discípulos de Husserl que se reunia semanalmente para discutir questões filosóficas, e deu início a sua tese de doutorado sobre a empatia (*Zum Problem der Einfühlung*) (1917), sob orientação de Husserl. Nesse período, Stein fez parte do chamado **Círculo de Gotinga**, que consistia em um grupo de jovens estudiosos que, interessados na Fenomenologia, foram desenvolver suas pesquisas com Husserl. Faziam parte desse círculo aqueles que acabaram se tornando grandes nomes da **Escola Fenomenológica**, tais como Max Scheler, Adolf Reinach, Hedwig Conrad-Martius e a própria Edith Stein (STEIN, 2002b).

Com o início da Primeira Guerra Mundial, Stein resolveu assumir um voluntariado como enfermeira na Cruz Vermelha, interrompendo a escrita de seu doutorado – que foi retomado somente no final dessa etapa de serviço voluntário. Estava passando por muitas experiências intensas, como relata em sua autobiografia, porém logo descobriu que Husserl havia se mudado para assumir uma cátedra na Universidade de Friburgo. Stein resolveu de pronto acompanhar seu mestre e defender sua tese em Friburgo, obtendo uma excelente avaliação (STEIN, 2002b).

Em seguida, tornou-se assistente de Husserl, ficando responsável por transcrever os manuscritos do filósofo, além de ministrar aulas de Introdução à Fenomenologia, o que chamou de “jardim de infância”. No entanto, Stein (2002b) começou a se sentir insatisfeita com as árduas tarefas assumidas e o tipo de relação que tinha com Husserl. Ao contrário do intercâmbio imaginado, Stein se deparou com um Husserl solitário, submerso em suas reflexões e não muito aberto ao diálogo. Com isso, foi se indispondo com seu cargo de assistente e decidiu pôr fim à parceria com o filósofo.

Como comentou a própria Edith Stein (2002b, p. 604):

No fundo, o que não suporto é a ideia de ficar à disposição de alguém. Eu posso me colocar a serviço de uma coisa e fazê-la de diversas maneiras por amor a alguém. Mas, em suma, ficar a serviço de uma pessoa apenas para obedecê-la, isso eu realmente não posso. E, se Husserl não se acostumar a me tratar como uma verdadeira colaboradora, como eu sempre percebi nossa relação e como ele mesmo, em teoria, também percebe, então o jeito é a gente se separar mesmo.

No entanto, é importante salientar que esse rompimento foi apenas acadêmico, posto que a filósofa sempre guardou um sentimento de admiração e gratidão por seu mestre. Além disso, nunca deixou de ser fenomenóloga, visto que prosseguiu com suas análises fenomenológicas e de diversos temas e problemas. Por exemplo, pode-se perceber claramente a presença do método fenomenológico até em obras mais tardias, como no escrito *A estrutura da Pessoa Humana*, de 1932, onde Stein realiza uma **antropologia fenomenológica**.

Após esse período citado, Stein iniciou uma nova fase tanto em sua vida quanto em seu pensamento. De ascendência judaica e até então atea, retomou sua fé e se converteu ao catolicismo, algo que foi recebido com pesar por seus familiares, principalmente por sua mãe. Sua conversão aconteceu no verão de 1921, período em que ela se encontrava de férias na casa do casal amigo Hedwige Conrad-Martius e Conrad-Martius. Em uma noite, Stein tomou da biblioteca um livro que contava a vida de Santa Teresa d'Ávila e, como sempre foi voraz em sua busca pela verdade, adentrou a noite em sua leitura: “Peguei na biblioteca, por acaso, um livro intitulado ‘Vida de Santa Teresa’ contada por ela mesma. Desde o começo fui me sentindo como que cativada e só pude parar de ler quando terminei o livro. Fechando-o disse para mim mesma: é a verdade” (STEIN apud MIRIBEL, 2001, p. 64).

Após sua conversão, começou a se dedicar especialmente ao estudo da escolástica, principalmente de Tomás de Aquino, que se tornou um segundo mestre para Stein (PEÑA, 2007). A partir desse momento, a filósofa começou a buscar uma conciliação entre a tradição escolástica, principalmente Tomás de Aquino, e a Fenomenologia, fazendo uma ponte entre a filosofia católica e a moderna. Dessa forma, a combinação dessas duas correntes filosóficas influenciou significativamente a sua concepção de Fenomenologia.

Ao longo de sua vida acadêmica, Stein buscou diversas vezes conseguir uma cátedra na universidade, sendo que escreveu importantes trabalhos com o intuito de pleitear

uma vaga docente. Contudo, não era aceita por ser mulher. No ano de 1932, Stein enfim conseguiu uma cátedra na Universidade de Münster, no Instituto de Ciências Pedagógicas. Entretanto, logo em seguida foi obrigada a abandonar a universidade devido à ascensão do Partido Nacional Socialista (futuro Partido Nazista), que instituiu a lei dos não arianos, proibindo os judeus de assumirem cargos públicos (STEIN, 2002b).

Diante do clima tenso na Alemanha, Stein resolveu realizar seu desejo, presente desde sua conversão, e se entregou à vida religiosa. Assim, em 14 de outubro de 1933, Stein entrou para o Carmelo de Colônia, onde prosseguiu com seus estudos teológico-filosóficos, produzindo os textos da sua chamada etapa espiritual (PEÑA, 2007). Ao ser descoberta pelos nazistas, Stein fugiu para o Carmelo de Echt, na Holanda, porém, ao chegar à Echt, foi capturada e levada para o campo de concentração de Westerbork. Em seguida, foi transportada para Auschwitz-Birkenau, onde acabou morta em uma câmara de gás (MIRIBEL, 2001).

O contato de Edith Stein com a Fenomenologia ocorreu de forma muito intensa, sendo que ela foi profundamente influenciada pelo método fenomenológico de Husserl. A filósofa utilizou o método fenomenológico em suas investigações, pois enxergou na Fenomenologia uma possibilidade abrangente, instigante e rigorosa de investigação dos fenômenos, o que a auxiliou na sua busca pela verdade. O percurso de Edith Stein na Fenomenologia foi muito peculiar, visto que esta não se restringiu somente às análises de Husserl, mas desenvolveu também sua própria concepção de Fenomenologia. Stein teve uma trajetória de vida intensa, dedicada principalmente às questões relativas ao ser humano e à busca pela verdade. É possível afirmar que sua vida e obra se confundem, construindo essa grande pensadora de nosso tempo.

## 2 A CONCEPÇÃO DE FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN

Por meio da análise dos textos citados, percebemos uma compreensão peculiar que Edith Stein tinha da Fenomenologia. Longe de ser uma aluna passiva ou subserviente, Stein apresentou algumas discordâncias em relação a Husserl, desenvolvendo assim sua concepção autônoma de Fenomenologia. No entanto, é preciso dizer que apesar das divergências com seu mestre, Edith Stein levou em conta muitos aspectos das ideias de Husserl e, nesse sentido, entendemos que suas críticas foram plausíveis e consistentes, evidenciando uma ampla compreensão do método fenomenológico.

Nos textos investigados, Stein (2012b; 2012d; 2012e; 2002a) apresenta a Fenomenologia como um método que tem como princípios básicos o retorno às coisas mesmas (*Zu den Sachen Selbst*) e a busca das essências. O retornar às coisas mesmas consiste em buscar os fundamentos primeiros do conhecimento. Em decorrência das limitações do conhecimento científico, denunciadas amplamente por Husserl, faz-se necessário investigar os fenômenos a partir das vivências fundantes, considerando a correlação sujeito-objeto. Portanto, para se alcançar um conhecimento seguro e rigoroso, como propõe a Fenomenologia, é imprescindível promover esse retorno às coisas mesmas (GOTO, 2008).

No entanto, no que consistem essas **coisas mesmas** às quais devemos retornar? Na acepção da filósofa, e em concordância com Husserl, as **coisas mesmas** não correspondem apenas aos conteúdos perceptivos da experiência, mas à essência das coisas, ou seja, ao sentido delas. Entende-se por essência “aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é”, como destacou Husserl (2006, p. 35) no tomo I de *Ideias para uma Fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica (Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie)*.

Diante disso, Edith Stein (2012b, p. 92) comenta que Husserl desenvolveu um “método de análise objetivo das essências”. A Fenomenologia se constitui, assim, como uma ciência eidética descritiva, isto é, que busca alcançar a essência (*Wesen*) de tudo que aparece na consciência. Isso está em plena concordância com seu mestre Husserl (2006, p. 28), que afirma que “a Fenomenologia pura ou transcendental não será fundada como uma ciência de fatos, mas como ciência de essências (como ciência ‘eidética’)”.

Entretanto, para captar essa **essência** é preciso um método adequado. Como salientou Husserl (2006), a **visão de essência** nos fornece uma nova espécie de objeto, que não pode ser captado pela percepção sensível. O ato que nos permite apreender o essencial do fenômeno é o que Husserl e Stein denominaram de **intuição** ou **contemplação de essências**. É aquilo que Stein (2012e) evidencia como a peculiaridade do método fenomenológico, ou seja, o seu caráter intuitivo.

Para Stein (2012e), a Fenomenologia não é uma ciência dedutiva, pois não parte de um núcleo de princípios indemonstráveis. Tampouco se trata de uma ciência indutiva, visto que não busca as verdades universais por meio da generalização de um conjunto de proposições particulares, como fazem as ciências naturais. Ao contrário, a Fenomenologia funda-se a partir do método intuitivo, pois através dele é possível

captar as verdades filosóficas, que são infinitas, imutáveis e evidentes. Afirma Stein (2002a, p. 33):

A intuição não é somente a percepção sensível de uma coisa determinada e particular, tal como é aqui e agora. Existe uma intuição daquilo que a coisa é por essência, e isto pode ter um duplo significado: o que a coisa é pelo seu ser-próprio e o que é por sua essência universal. (Se estes dois significados mencionam coisas objetivamente diferentes e se isso ocorre em todos os campos ou somente em alguns, isso é algo que necessitamos de uma longa discussão).

Além desses dois pontos assinalados, Stein também considera outros aspectos do método fenomenológico, fundamentais para a compreensão de sua concepção de Fenomenologia. No texto *O que é a Fenomenologia?*, de 1924, a filósofa vai de encontro a algumas concepções errôneas a respeito do método fenomenológico, buscando esclarecer alguns pontos obscuros. Assim, Stein aborda três pontos fundamentais: a objetividade da consciência, a intuição como método e a questão do idealismo, onde ela discute o chamado **giro idealista** de Husserl.

Em termos gerais, podemos dizer que para Stein (2012e) a Fenomenologia é uma filosofia que se caracteriza pelo resgate da ideia de verdade absoluta e de objetividade da consciência, rompendo com as filosofias consideradas por ela empíricas e relativistas, tais como o naturalismo, o psicologismo e o historicismo. Ao contrário dessas filosofias, a fenomenologia retoma a ideia de que a verdade é imutável e que o espírito deve encontrá-la ao invés de produzi-la. Na acepção da filósofa, isso fez com que a Fenomenologia fosse confundida como apenas uma retomada dos grandes sistemas filosóficos antigos, como o platonismo, o aristotelismo e a escolástica.

O resgate da noção de verdade absoluta é algo muito caro à Filosofia. A ideia de uma verdade mutável, isto é, que se modifica com o tempo e de acordo com determinadas condições, faz com que a investigação filosófica perca seu rigor, incorrendo em relativismos estéreis. Desse modo, a Fenomenologia surgiu em oposição a essas filosofias e, principalmente, às ciências positivas, buscando resgatar o rigor da investigação filosófica, enquanto uma ciência rigorosa, como destacou Husserl no seu artigo de 1911, intitulado *A Filosofia como ciência de rigor (Philosophie als strenge Wissenschaft)*.

Stein (2012a; 2012c; 2012d; 2012f) está em plena concordância com seu mestre, pois concebe a Fenomenologia como uma ciência rigorosa, que tem como tarefa fundamentar o conhecimento em bases seguras. Diante da **crise das ciências**

denunciada por Husserl, que refletia a perda de confiança na racionalidade, instituiu-se também uma crise de sentido, visto que a razão é o que o evidencia enquanto tal. Sendo assim, a Fenomenologia surgiu com o intuito de buscar um ponto de partida absoluto para a filosofia, um “princípio bom”, buscando resgatar o verdadeiro sentido da investigação filosófica e recuperar a fé na razão.

Sobre esses aspectos importantes, ou seja, a objetividade da consciência e a intuição, Stein (2012a; 2012b; 2012c; 2012d; 2012e; 2012f) também os abordou nos textos sobre a relação entre a Fenomenologia e a tradição escolástica. Como destacado, após sua conversão ao catolicismo, Stein passou a se dedicar com mais intensidade ao estudo da teologia, principalmente de Tomas de Aquino, o qual influenciou significativamente suas ideias. Após se aprofundar nesses estudos, Stein estabeleceu a relação conciliatória entre as investigações fenomenológicas e a escolástica. Ao longo de diversos textos, a filósofa promoveu o diálogo entre essas duas correntes do pensamento, porém, é no texto *A Fenomenologia de Husserl e a Filosofia de Sto. Tomás de Aquino (Husserls Phänomenologie und die Philosophie des hl. Thomas Von Aquin)* (1929) que ela aborda essa questão de forma preliminar, mais profunda, promovendo uma comparação entre os dois filósofos. Nesse texto, Stein ressalta que a filosofia é dividida em dois grandes grupos. De um lado, tem-se a filosofia católica, com a tradição escolástica, e de outro a filosofia denominada moderna, que atingiu seu ápice com a filosofia kantiana. Para a autora, havia um abismo entre esses dois grupos, porque era possível ver como os filósofos católicos não se comunicavam com os modernos e vice-versa. Todavia, a falta de intercâmbio entre esses grupos era extremamente nociva para a filosofia, que ficou dividida e fragmentada (STEIN, 2012e). Assim, como analisou Stein (2012e), era possível diminuir o distanciamento entre esses dois grupos, sendo que a Fenomenologia era decisiva e significativa para isso, apesar de este não ter sido o objetivo de Husserl. Portanto, na acepção da filósofa, a Fenomenologia possibilita um diálogo entre a filosofia moderna e a católica, evitando um desmembramento da investigação filosófica.

Apesar dessa ênfase ao aspecto realista da Fenomenologia, principalmente evidenciado na relação com o tomismo, Edith Stein também discorreu a respeito do chamado **giro idealista** de Husserl, giro polêmico e que foi fortemente criticado por alguns discípulos do filósofo. Apesar das inúmeras oposições ao **idealismo fenomenológico** de Husserl, a filósofa buscou compreender esse **giro idealista**, apresentando assim uma visão original a respeito dessa questão.

Entendemos que o embate entre **idealismo** e **realismo** na Fenomenologia é uma discussão polêmica e que acabou dividindo o movimento fenomenológico. Os discípulos de Gotinga, interessados no resgate da ideia de verdade absoluta promovido por Husserl nas *Investigações Lógicas*, não concordaram com o suposto idealismo de *Ideias I*. Para eles, a Fenomenologia das *Investigações*, de cunho realista, não era compatível com a visão então apresentada no Tomo I das *Ideias* em 1913. Essa aparente ruptura entre essas duas obras ficou conhecida como o **giro idealista** de Husserl, o que ocasionou o afastamento dos discípulos de Gotinga, que não concordaram com esse giro (GOTO; MORAES, 2015/16).

Como evidencia Bello (2000), diante dessa questão, ao contrário da maioria dos discípulos de Gotinga, Edith Stein apresentou uma visão mais ponderada, visto que procurou compreender alguns pontos e, ao mesmo tempo, buscou ir além, apresentando críticas concisas e pertinentes a respeito do **giro idealista** de Husserl. Dessa forma, Stein (2012c; 2012e) defendeu a ideia de que não havia uma ruptura absoluta entre as obras *Investigações Lógicas* e *Ideias*, pois, para a filósofa, nas *Investigações* já estavam presentes questões que conduziriam a Fenomenologia à questão do transcendental<sup>10</sup>.

Além disso, Stein (2012e) argumenta que a Fenomenologia não precisaria incorrer em um idealismo. Isso porque na acepção da filósofa, o idealismo é, na verdade, uma concepção metafísica pessoal de Husserl e não produto de uma investigação fenomenológica. Para corroborar sua visão, ela cita as análises desenvolvidas por sua amiga Hedwig Conrad-Martius (1888-1966), que delineou uma fenomenologia realista.

Ao desmembrar a investigação fenomenológica de posições idealistas ou realistas, Stein conciliou a teoria da constituição de Husserl – concepção que evidencia como o mundo e o sujeito são constituídos por atos a partir da subjetividade transcendental – com a ideia de uma independência entitativa do mundo. Para ela, a análise constitutiva não precisa incorrer necessariamente em um idealismo (GOTO; MORAES, 2015/16).

---

<sup>10</sup> Em 1913, com a publicação das *Ideias para uma Fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*, Husserl apresenta a Fenomenologia agora como Transcendental, ou seja, como uma ciência da subjetividade (consciência) transcendental. Nessa obra, o foco da análise fenomenológica não está apenas no ser-transcendente, mas também no ser-imanente, podendo revelar assim o caráter correlacional (transcendental) deles, fundado pela subjetividade transcendental.

Por fim, encontramos em Stein não só uma apresentação da Fenomenologia, mas também uma apreciação da presença e do impacto da Fenomenologia no pensamento filosófico de sua época. Isso pode ser visto no texto *O significado da Fenomenologia como “visão de mundo”* (*Die Weltanschauliche Bedeutung Der Phänomenologie*) (1932), uma obra encontrada na hora em que foram ordenar e catalogar os manuscritos de Edith Stein, alguns anos depois de sua morte. Não se tem muitas informações sobre a sua origem e as circunstâncias que a levou a escrever esse texto. Podemos supor pela época e contexto que o manuscrito seja do período em que ela trabalhava no Instituto Alemão de Pedagogia Científica em Münster, por volta do ano de 1932.

É um texto propedêutico interessante, porque Stein (2012d) começa sua apresentação a partir de dois questionamentos: **Pode a Fenomenologia proporcionar uma “visão de mundo” ou contribuir na elaboração dessa visão?** e **De que maneira a Fenomenologia pode influenciar o espírito de uma época?** Ao responder essas questões, Edith Stein parte inicialmente de algumas apreciações históricas da Fenomenologia e de uma rápida exposição do método fenomenológico proposto por Husserl, tal como apresentamos aqui.

Em seguida, Stein (2012d) promove uma breve comparação entre Husserl e Scheler e entre Husserl e Heidegger, destacando os principais contrastes entre esses filósofos. Ela destaca que entre alguns outros pontos, “a grande novidade de Husserl consiste em não permanecer no fato concreto de um ‘cogito’ singular, mas que descobriu todo o âmbito da consciência como um âmbito de certeza indubitável e o converte em campo de investigação fenomenológica” (STEIN, 2012d, p. 64). O grande mérito de Scheler está no campo da ética, da filosofia da religião e de uma sociologia filosófica. Em sua opinião, apesar de Scheler não ter compartilhado do idealismo fenomenológico de Husserl, dentre os fenomenólogos foi quem mais levou a cabo “as investigações fundamentais a partir do ponto de vista objetivo e o fez totalmente confiante na força da intuição às essências” e “quem mais se opôs decididamente a uma atitude crítica fundamental do espírito” (STEIN, 2012d, p. 65). Por fim, Heidegger, na sua acepção, se orientou acentuadamente na compreensão da existência e da sua posição na vida. Stein (2012d, p. 68) comenta que Heidegger:

Distingue-se de Scheler, mas se aproxima mais de Husserl, contudo não tem a intenção de investigar as essências em uma entrega pura aos objetos, esquecendo-se de si-mesmo. Ao contrário, considera como “princípio filosófico fundamental” o estudo do ser (*Dasein* = ser-aí), ou

seja, em uma linguagem mais usual: no estudo do Eu ou do sujeito, que se distingue do todo outro que é, conquanto que “é-aí para si mesmo”. O *Dasein* compete de forma irrenunciável ao “ser-no-mundo”.

Claro que, em seguida, Stein afirma que o que Husserl entendeu por Eu não se aplica diretamente ao *Dasein*, porque o Eu puro é o ser humano que se encontra em uma dada existência (*Dasein*).

Na segunda parte do texto, Stein aponta o significado que a Fenomenologia teve para o início de outra construção de uma **visão de mundo**. É importante destacar que a filósofa entende, aqui, **visão de mundo** como a constituição de uma **visão global do mundo** ou como um **modo próprio de contemplar** o mundo. Assim, afirma que a Fenomenologia proporcionou uma nova **visão de mundo** significativa, principalmente a partir da imagem de mundo desses três fenomenólogos, promovendo assim uma grande influência na filosofia e cultura de sua época.

Conforme analisa Stein (2012d), em Husserl é possível perceber uma visão coerente de mundo, no sentido de reconhecermos um ser absoluto a que se remete toda a realidade. Em Scheler a filósofa alega ser mais difícil encontrar uma visão coerente, devido a tantas modificações e oscilações de seu pensamento, porém é possível identificarmos uma **visão de mundo**, como explica a autora, fundada em uma imagem de **mundo de Deus**. Por fim, mesmo que de maneira prematura, Stein comenta que em Heidegger há uma imagem de mundo niilista, ou seja, existe nesse pensamento uma posição acentuada na “preocupação’ como um componente essencial seu, da morte e do nada, assim como algumas outras formulações extremas, que induzem a uma ‘ausência de Deus” (STEIN, 2012d, p. 71).

A autora conclui o texto fazendo também uma breve reflexão sobre a concepção católica e a concepção moderna do mundo e cita o apóstolo Paulo: “examinai todas as evidências, retende o que é bom!”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise breve dos textos em que Stein apresenta a sua concepção e entendimento da Fenomenologia, constatou-se em primeiro lugar a apreensão singular que essa importante aluna e discípula de Edmund Husserl teve do método fenomenológico. Em concordância com Husserl, Stein apresenta a Fenomenologia

como um método, que busca retornar às coisas mesmas e alcançar as essências dos fenômenos. Para isso, a Fenomenologia utiliza-se do método intuitivo, através do qual é possível apreender as essências, que se mostram de forma imediata.

Em segundo lugar, Stein destacou também a retomada da ideia de verdade absoluta e de objetividade da consciência, promovida por Husserl com a publicação de suas *Investigações Lógicas*, que rompeu com as filosofias relativistas vigentes na época e resgatou o rigor da investigação filosófica: “não podem satisfazer-nos significações que tomam vida – quando o tomam – de intuições remotas, confusas e impróprias”. A filósofa concordava com o mestre, conforme destacamos em sua biografia, que a filosofia e, em especial, as ciências, careciam de uma fundamentação radical e que elevasse a filosofia a uma “ciência no sentido rigoroso”.

No que se refere à questão entre idealismo e realismo, Stein apresentou uma visão original, destacando que a investigação fenomenológica independe de uma posição idealista ou realista. Nesse sentido, Stein buscou ir além de seu mestre e desenvolveu uma Fenomenologia de cunho mais realista, sem descartar a importante questão do transcendental. Por fim, em quarto lugar, a contribuição mais peculiar na tradição fenomenológica foi o diálogo que Stein promoveu entre a Fenomenologia e a tradição escolástica, colaborando para diminuir o abismo que havia entre a filosofia moderna e a católica, como denunciado pela filósofa.

Concluimos, portanto, que Stein apresentou uma concepção original da Fenomenologia husserliana, mesmo numa época em que esta estava seguindo diversos caminhos pelas críticas a Husserl. A filósofa permaneceu fiel à filosofia de seu mestre em muitos aspectos, ao mesmo tempo em que desenvolveu noções próprias, buscando complementar o projeto husserliano sem, no entanto, descaracterizá-lo. Nesse sentido, a autonomia e originalidade apresentadas por Stein revelam a sua notável compreensão da Fenomenologia, em face das inúmeras concepções errôneas que haviam na época. Como relata Sepp (1998), a atitude fenomenológica de Stein caracteriza-se por uma posição independente. Stein se mantém nas concepções de Fenomenologia, porém segue seu próprio caminho, desenvolvendo uma compreensão singular do método fenomenológico.

## REFERÊNCIAS

- BELLO, A. A. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: EDUSC, 2000.
- DEI, T. M. *Edith Stein: em busca de Dios*. Buenos Aires: Editorial Verbo Divino, 1969.
- FELDMANN, C. *Edith Stein: judia, ateia e monja*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- GOTO, T. A. *Introdução à psicologia fenomenológica – A nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus, 2008.
- GOTO, T. A.; MORAES, M. A. B. O “giro idealista” de Husserl e sua recepção no pensamento de Edith Stein. *Revista Fenomenologia e Direito*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1-158, out. 2015/mar. 2016.
- HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- MIRIBEL, E. de. *Edith Stein: como ouro purificado no fogo*. São Paulo: Editora Santuário, 2001.
- PEÑA, C. *La filosofía de Edith Stein: una búsqueda por la verdad*. Ciudad del Este: Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción, 2007.
- SEPP, H. R. La postura de Edith Stein dentro del movimiento fenomenológico. *Anuário Filosófico*, v. 31, p. 709-729, 1998. Disponível em: <[http://biblio3.url.edu.gt/Libros/edith\\_stein/la\\_postura.pdf](http://biblio3.url.edu.gt/Libros/edith_stein/la_postura.pdf)>. Acesso em: 3 ago. 2016
- STEIN, E. El método fenomenológico. In: \_\_\_\_\_. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Editora Biblioteca de Autores Cristianos, 2002a. p.1-25.
- \_\_\_\_\_. Vida de una familia judía. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: Escritos autobiográficos y cartas*. Burgos: Editorial Monte Carmelo 2002b. p. 68-91.
- \_\_\_\_\_. La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental. In: *La Pasión por la Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012a. p. 83-87.
- \_\_\_\_\_. La fenomenología. In: \_\_\_\_\_. *La Pasión por la Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012b. p. 91-99.
- \_\_\_\_\_. La fenomenologia trascendental de Husserl. In: \_\_\_\_\_. *La Pasión por la Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012c. p. 79-82.
- \_\_\_\_\_. La significación de la fenomenología como concepción del mundo. In: \_\_\_\_\_. *La Pasión por la Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012d. p. 51-76.
- \_\_\_\_\_. ¿Qué es la fenomenología? In: \_\_\_\_\_. *La Pasión por la Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012e. p. 39-47.
- \_\_\_\_\_. La fenomenologia de Husserl y la filosofía de Sto. Tomás de Aquino. In: \_\_\_\_\_. *La Pasión por la Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012f. p. 103 -144.